

MORAL E DISCIPLINA DIANTE O PENSAMENTO DE KANT E DELEUZE: uma abordagem atual da práxis sobre a distorção destes conceitos.

Andréa Karla Ferreira Nunes

Pós-Doutora em Educação pela Universidade de Salamanca – USAL (Espanha)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS
Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes - UNIT
andreaknunes@gmail.com

Jacques Fernandes Santos

Doutor em Educação pela Universidade Tiradentes - UNIT
Mestre em Gestão do Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Estadual de Pernambuco - UPE
Docente do Instituto Federal de Educação de Alagoas – IFAL- *Campus* Santana do Ipanema
jacquesfs@hotmail.com

Vinícius Silva Santos

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS
Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe - UFS
Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – *Campus* VIII Paulo Afonso
vinnymil@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo traz à tona o problema da essência do ato moral como obrigatoriedade na educação e nas práticas educativas. Descreve o pensamento sobre o universalismo da ética proposta por Kant e desdobramentos no cotidiano do homem, situado numa sociedade demarcada pela vontade e liberdade. Aborda premissas que norteiam o pensamento sobre a universalidade do pensamento ético e as experiências educativas como meio de socialização do homem. Traz enquanto metodologia uma pesquisa qualitativa, apoiada na revisão bibliográfica do tema exposto por autores como Deleuze e Kant. Por fim, conclui-se que é necessário retomar o pensamento filosófico Kantiano para compreensão das dicotomias basilares analisadas no processo de socialização do homem através das experiências educativas, não perdendo de vista a necessidade de analisar a disciplina e a educação moral, como princípios que devem nortear as práticas socioeducativas que formam o os sujeitos sociais e suas relações.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Ética; Democracia; Humanidade; Educação.

MORAL AND DISCIPLINE ACCORDING TO KANT'S AND DELEUZE'S THINKING: a contemporary approach of praxis about the distortion of these concepts

ABSTRACT

This paper brings up the problematic of the essence of the moral action as mandatory in education and educational praxis. It describes the idea of universalism of ethics proposed by Kant and its consequences in the individual's daily life, placed in a society remarked by will and freedom. The study approaches premises that guide the reflection on the universality of ethical thinking and the educational experiences as a mean of socialization for people, based on the methodology of qualitative research that is conducted through the bibliographical review of the

subject according to authors like Deleuze and Kant. Finally, it has been concluded that it is necessary to recur to Kant's thinking to understand the basilar dichotomies observed in the process of socialization through educational experiences, not shying away from analyzing discipline and moral education as principles that must orient socio-educational praxis that form social individuals and their relationships.

Keywords: Contemporaneity; Ethic; Democracy; Humanity; Education.

INTRODUÇÃO

Em épocas onde emitir uma opinião se tornou mais que um ato de coragem, e sim, um ato político, devido a tamanha polarização do Estado brasileiro, é necessário apresentar provocações que reavivem o desejo das pessoas em rememorar fatos passados, mas que dão luz aos cenários atuais, e nos ajudam a pensar e refletir sobre as atitudes gerais e pessoais, em si. Tratar das questões que envolvem, sobretudo na sociedade brasileira, das questões entre Ética e Moral, são gotas de contribuições que geram uma importante oportunidade de se fomentar o pensamento, a intelectualidade, e a redescoberta de quem somos, e para onde vamos!

Muito se debateu nos últimos anos a respeito das mudanças ocorridas na contemporaneidade. Os avanços dos recursos tecnológicos, o desenvolvimento social, o crescente individualismo, as mudanças nas relações sociais, o papel da educação. As transformações ocorridas nas relações estabelecidas entre os homens provocam interferências no cotidiano das práticas sociais, trazendo à tona a necessidade de analisar o espaço das relações humanas.

O campo educacional, atualmente, dentre outros meios de socialização do homem, enfrenta diversos, problemas que surgem no interior das instituições e ultrapassa os limites da escola e suas práticas de socialização dos indivíduos. Dentre eles, podemos citar o consolidado crescimento da intolerância corporal, dados os expressivos casos de *bullying*, e da intolerância política e religiosa, com polarizações entre opiniões familiares, candidatos políticos, etc.

Nesse sentido, não podemos deixar de destacar a necessidade de compreender o papel dos meios de socialização do homem, dentre eles a educação moral como fonte de princípios éticos para a responsabilidade, a compreensão das diferenças entre desejo e felicidade, sobretudo para tomadas de consciências coletivas dos sujeitos sociais, regulamentadas por meio do universalismo ético que contempla os vários espaços, furos e tramas sociais, que decorrem da relação entre o indivíduo e a sociedade.

Sendo assim, busca-se heurísticamente compreender os problemas enfrentados em tais relações onde está inserida a experiência educativa, e através do diálogo construído com o pensamento teórico de Kant, entender sua contribuição ao tratar sobre a disciplina e educação moral, objetivando-se uma compreensão sobre os antagonismos e superações que decorrem dessa experiência.

1 A ÉTICA EM BASES FILOSÓFICAS E KANTINIANAS MODERNAS.

É importante destacar, a princípio, que tanto no plano ético como no plano prático da vivência humana, podemos ver uma estreita relação entre a norma da moral vivida, sobretudo quando se trata não de uma ética especulativa. Assim, a ética pode contribuir para fundamentar ou justificar o comportamento moral dos indivíduos, onde ela se revela através das necessidades e dos interesses sociais, ajudando a situar o lugar à moral efetiva de cada grupo social, cuja pretensão funda-se na apropriação de seus princípios e suas normas, num plano universal. Como exemplo, podemos citar o *Black Lives Matter*, um movimento ativista internacional, com origem na comunidade afro-americana, que campanha contra a violência direcionada às pessoas negras.

A fim de compreendermos a noção de ética na contemporaneidade, se faz necessário mapearmos o surgimento dessa ideia no campo da filosofia, uma vez que na construção filosófica da noção de ética, encontramos diferentes questões relacionadas à conduta moral do homem, e sua formulação perpassa desde o caráter prático, disciplina normativa, ou o caráter social, como disciplina teórica, cuja função seria indicar o melhor comportamento do ponto de vista moral.

A realidade moral, aqui, pode ser entendida como vivência cotidiana de relações que fazem surgir produções de juízos morais variados. De igual modo, variam os seus princípios e normas. A pretensão de formular princípios e normas universais, deixando de lado a experiência moral histórica, afastaria da teoria, precisamente, a realidade que deveria explicar.

Portanto, a ética fundamenta-se como teoria investigativa que perpassa e define os processos de educação dos indivíduos, e trata de explorar um terreno de investigação /explicação da experiência humana e seus comportamentos que servem de orientadores, através da disciplina e educação pautadas na moral, que levam em consideração a totalidade, diversidade e,

sobretudo, o universalismo que cruza os diversos meios das relações sociais partilhadas entre os indivíduos. Diante destes termos, podemos afirmar que o que vivenciamos, sobretudo no cenário mundial pandêmico de Covid-19 entre os anos de 2020 e 2021, é a ampla descaracterização e deturpação das práticas éticas, morais e filosóficas.

Ao analisar o pensamento Kantiano surgem inúmeros estudos que tratam em primeiro plano do problema da moral. Não obstante, ao pensar no ideal social do autor, se faz necessário recorrer a outra questão importante na gênese de sua produção teórica: o sentido do comportamento moral. A definição do conceito sobre ética em Kant, alicerçada numa ética do *dever-se*, forma um arcabouço de pensamentos que devem ser analisados hoje sob a ótica da população expropriada, escravizada, em que seus direitos são anulados.

Nesse ínterim, podemos perder de vista as possibilidades que aparecem através das máximas que guiam o comportamento humano por meio da lógica das *Leis Universais da Natureza*, afinal, nos dias de hoje, se tornou mais natural, do que imoral, o ato de um grupo de pessoas enriquecer às custas de milhares de desalentados, num ciclo onde toda extrema riqueza, gera na ponta centenas de expropriados.

Diante desta perspectiva, o legado filosófico deixado por Kant, através da noção sobre a ética tem um valor inestimável para o campo da formação e educação dos homens, para que se tornem capazes de desejar e buscar dignidade e respeito. O pensamento ético em Kant torna-se uma espécie de tratado humano baseado pelas normas universais, ou seja, uma formulação que permeia toda sociedade ligada ao campo da moral.

Se faz necessário explorar o significado do termo *universalismo*, que trata da doutrina e que admite o consenso universal como critério de verdade. Esse ponto de vista requer dos sujeitos sociais uma ação universal, que contempla um modo harmonioso das práticas sociais. Para haver o senhor, tem que haver o escravo, do mesmo modo que para existir o rico, é preciso existir o pobre.

É importante registrar que esta lógica universal em Kant foi desenvolvida em um período de senilidade, quase demência, do filósofo, mas que foram as mais agarradas pela sociedade, e por isso, geraram grande repercussão, sobretudo as obras e teorias publicadas antes da década de 1780. Desde então, podemos afirmar que até os dias atuais, uma pequena, mas influente, parte

da sociedade, desejosa por dinheiro e poder político, se apossa das loucuras ou demências de Kant para justificar sua envergadura e predisposição para gerar pobreza, desalento, e morte.

Neste momento, me vem à memória as fortes palavras da Mãe do ator Paulo Gustavo, a senhora Déa Lúcia, em um discurso corajoso, forte e contundente sobre corrupção na pandemia: “*A Corrupção em época de Pandemia Mata!*”. Como seria importante, se todos os brasileiros compreendessem, a fundo, o peso e profundidade das palavras de Dona Déa Lúcia.

Esse panorama histórico tornou-se decisivo, pois, delimitou a interpretação do pensamento ético, cujas características apontam para um modo ético purificado de outros campos do pensamento, tais como a antropologia, psicologia, biologia, história ou qualquer estudo de cunho empírico. Assim, conseguiram trazer o debate ético para o campo Ideológico, extremamente minado, e balizado pelo debate religioso, um verdadeiro perigo, diante do qual acompanhamos, a séculos, o ininterrupto desfechos entre guerras, mortes e ataques, entre o povo de Israel e os Palestinos. Pasmem, parece que muitos da sociedade brasileira estão dispostos a reproduzir pelas bandas “*de cá*” este modelo social de ética e moral.

Por outro lado, como um representante do Iluminismo, Kant não buscava negar os estudos empíricos desenvolvidos pelo homem em detrimento a ética. Sua crítica esteve pautada estritamente aos movimentos que ignoravam a essência na natureza humana. No pensamento Kantiano o homem pode ser analisado como parte do universo onde está inserido, sendo o homem o único ser vivo que entende o contexto e cria sentidos, mas que nem por isso está acima da natureza, não é um ser sobrenatural; bem ao contrário, ele é natural, todo inteiro e produzido pela natureza, como um fruto mais evoluído. Será mesmo?

Nele e por ele a natureza chega à razão. A razão não é um dom divino introduzido no animal-homem para seu uso exclusivo, e sim, o mais belo fruto da natureza a seu próprio serviço. Portanto, a inteligência e a liberdade não eclodiram na natureza para dominá-la, mas sim, para libertá-la e conduzi-la a grandes metas com o auxílio da *tecnociência*.

Podemos observar a importância do homem na sociedade, mas ele ao longo dos séculos se colocou como único eixo desta sociedade. O indivíduo, antes analisado separadamente e fechado na sua própria natureza, afastado de outros indivíduos, passa a ser visto na mescla de

uma evolução tecnológica como uma partilha de códigos, em um universo eletrônico, onde quem manda são os homens que possuem mais capital, dinheiro!

O papel do homem ganha destaque à medida que se torna um ente insubstituível, por ser um portador de luz, inteligência e liberdade. E dentre estes, os ricos e donos de poder construíram uma retórica em torno de sua purificação e santidade, pois, a riqueza, agora, é produto do trabalho e da fé.

No pensamento Kantiano a condição primeira para o estabelecimento da validade moral, e perpassa sobre análise de uma máxima que tenha valor para todo agente racional. Uma das formulações principais do imperativo categórico Kantiano estabelece que o indivíduo deva valer como uma lei universal da natureza, ou seja, uma máxima que todos os indivíduos racionais sigam.

Uma ética que se baseia no universalismo exposto por Kant observa no resultado dessa relação entre a liberdade humana e as máximas, o conjunto ideal para a autonomia do sujeito, e não, o que temos como resultado forjado das interpretações errôneas que foram deflagradas por grupos de pessoas com intenções duvidosas, bradando ser este um argumento intelectual, ou santo.

Nesta perspectiva, o indivíduo deveria buscar em sua própria razão as regras do que é certo e justo, e fundar nelas a sua conduta moral, e não em Deus. Em outras palavras “*agir de forma que a máxima siga um princípio de lei natural e universal*”, que é a lei de igualdade aos homens, aos humanos, e não a lei que distingue ser *natural* a existência de super-ricos de um lado, e miseráveis de outro. Esta foi a narrativa forjada pela burguesia para os escritos filosóficos, e em parte, dementes, de Kant.

Desta maneira, e somente desta maneira, a ética tona-se universal, quando estabelece um código de condutas morais, válidos para todos os membros de uma determinada sociedade e, ao mesmo tempo, tal código é relativo ao contexto sociopolítico, econômico e cultural. O leitor pode estar se perguntando: qual a relação entre a noção sobre ética, o universalismo e educação? Vale à pena destacar que no projeto educacional a ética torna-se elemento importante para a educação humana dos sujeitos sociais. Portanto, educar os jovens tem na sua gênese ensinar através da moral e da disciplina os preceitos éticos, submetidos ao universalismo, em favor de uma liberdade e autonomia dos homens.

Deste movimento, é que se estabelece a razão da importância Universal do direito à educação de qualidade, para todos, ricos ou pobres, diante do qual entendemos porque tantas nações se esforçam para que esta máxima jamais se consolide, oferecendo de maneira clara um abismo entre a educação ofertada aos ricos, e a educação ofertada aos pobres, onde destes, deseja-se apenas a interação e absorção de sua força produtiva.

2 MORAL, DISCIPLINA E PRÁXIS: DISTORÇÕES INVOLUTIVAS NA SOCIEDADE.

A educação moral, segundo o pensamento filosófico Kantiano, não diz respeito somente ao conjunto de procedimentos técnicos, a exemplo das técnicas pedagógicas que ajudam a desenvolver a *'faculdade'* do saber nos indivíduos, ela é herança do século XVIII, definido como século da pedagogia. O pensamento sobre a *"Educação Moral"* gira em torno da possibilidade do progresso e liberdade do homem através da educação.

Em outras palavras, espera-se que a sociedade e seus indivíduos progridam à medida que se tornam cada vez mais educados e esclarecidos, e que, com o passar dos séculos, em cada etapa, a raça humana evolua em inteligência, intelectualidade e conhecimento. É a partir deste epíteto, que sempre imaginamos e projetos o futuro como um espaço melhor, mais moderno e tecnológico, pois sempre fomos embebidos da visão de que, a cada ano, a cada século, somos melhores e mais inteligentes, pois, progredimos.

Diante deste quadro, o que podemos falar do avassalador movimento conservador instalado no mundo desde 2010, e que, aqui no Brasil, produziram ecos de atrasos intelectuais refletidos em afirmativas e pensamentos como "a terra é plana" ou "não houve ditadura", ou ainda, o pior de todos estes, que "nunca houve uma escravidão", pois ela, para estes conservadores, foi uma atitude "espontânea" dos próprios escravizados.

O que podemos inferir sobre estes pensamentos, totalmente absurdos, lardeados em pleno século XXI, por pessoas educadas, formadas e algumas até com altos níveis de escolaridade? Onde fica a expressão evolutiva kantiniana? Em que parte do caminho nos perdemos? Parece um pleno absurdo termos que "lidar" com esta realidade, depois do avanço teórico e intelectual, alçado com muito trabalho e dedicação, por anos, sobretudo do campo da ciência.

O que ainda chama atenção sobre o modelo de “educação das luzes” ou uma educação iluminista, atualmente, é analisar que vários pressupostos sobre o papel desse modelo de se encaixam e refletem as várias experiências educativas que vivenciamos atualmente. Para onde foram as luzes? Pois, diante dos atrasos vividos, onde a tecnologia da informação digital se transformou em um instrumento mais ‘creditável’ que a fala e narrativa de um Professor em sala de aula, chegando ao ponto de serem desmerecidos e desacreditados por outrem, parece que estamos muito mais à beira da escuridão, que das luzes.

Nesse sentido, vale a pena destacar que em meio a tantos pressupostos que valorizam a ideia sobre a filosofia da educação Kantiana, a educação moral e a disciplina ganham expressivo valor simbólico, e prático. A discussão sobre a utilidade da educação moral, vista por diversos especialistas como um grande problema, sobretudo, os da pedagogia, mostra no conjunto de suas premissas que em algum momento a noção sobre importância desse pressuposto educacional tivera sido deixada a margem, quando na verdade deveria ser ampliada com outros olhares.

Acreditam os filósofos contemporâneos, dentre eles Deleuze, que esta lacuna foi o ponto de origem para movimentos de teorias conspiratórias, que acharam um terreno fértil nas ideologias de religião e ordem para se proliferar, dando origem, assim, ao que conhecemos na atualidade como movimento conservador.

Por motivos políticos, conduzimos essa discussão ao território do esquecimento, fazendo que os negacionistas fossem tidos com menos letalidade, e preocupação, do que de fato o são. Hibernaram durante anos, construindo e reconstruindo sua narrativa, para que, no momento oportuno, liberassem sua hecatombe pelo mundo. Cabe destacar, aqui, o sentido da palavra política, vista como um conjunto de *políticas de sentidos* que ora são valorizadas, ora desprezadas. Não reporte o leitor, apenas, para a política dos políticos, que está no seu dia-a-dia pelos meios de comunicação de massa.

Educar o homem para a moralidade é fazer com que este seja capaz de ser feliz, encontrar a felicidade dentro de si, no exercício de sua liberdade. Esta teoria, ainda com berços em Kant, acreditaria que neste ínterim, debates como raça, gênero, sexualidade e poder seriam, gradativamente, esquecidos, pois o foco da sociedade seria unicamente se importar com a felicidade. Porém, a realidade deste movimento é que foi involutivo, num cenário onde nem a

família, nem o Estado, se preocupam com a formação do homem para a vida social. O olhar conservador não têm como finalidade da educação, em nenhuma instância, o bem universal e a perfeição à qual a humanidade está destinada, e que tem as reais possibilidades de desenvolver.

Para a moralização, é preciso a práxis, ou experiência. Nesse ínterim, o conceito de experiência se apresenta como fonte importante na compreensão dos processos culturais que envolvem as práticas pedagógicas, sendo este interstício primordial onde são reconstruídas as experiências educativas.

O conceito de práxis diz respeito a diferentes elementos que são relacionados, cruzados de forma recíproca. A experiência pode ser entendida como construções estabelecidas entre os diversos corpos. Os corpos são entendidos através da relação estabelecida entre o objeto, sujeito e o conhecimento. O corpo é o sujeito em experiência buscando o conhecimento. Tomemos como exemplo o processo educacional: vários corpos se colocam a disposição para exercer influência de tantos outros corpos ou para sofrer influência dos mesmos. Na relação estabelecida entre a teoria Kantiniana, Deleuze buscava a elucidação do sobre este conceito e como tal conceito designava as experiências construídas na prática pedagógica.

Analisando a obra de Kant, Anísio elucidava seu conceito de experiência. A experiência citando Hart poderia ser de três tipos. A primeira, a experiência que temos, mas não nos apercebemos de sua existência: a criança que, ao nascer, sente fome, sede, dor.... Um segundo tipo de experiência, que sofrendo a reflexão, apresenta-se conscientemente e leva ao aparecimento da inteligência: analisa, indaga, refaz-se. E, finalmente, o terceiro tipo. Descrito como *'esses vagos anseios do homem por qualquer coisa que ele não sabe o que seja'*. A insatisfação constante e a busca por novos saberes. Os dois últimos tipos, por meio da linguagem e da comunicação, formavam não mais a experiência individual, mas a experiência humana.

Os conjuntos de todas essas experiências forma aquilo que denominamos de experiência humana. O cruzamento das diversas fontes de experiência, aliado as condições que se processam e a intensidade que são geradas, possibilita ao homem ser cada vez mais inteligente e inquieto. Parafraseando Deleuze (1963) a experiência humana fornece o material e a direção para as nossas experiências atuais. Para ele se o homem fosse privado das experiências, este poderia voltar ao estágio de selvageria nunca antes imaginado.

Desse modo, quando referido aos processos pedagógicos, a educação se destaca como estágio sendo um estágio importante da vida humana. Porquanto, o período de materialização dessas ideias denominado movimento escolanovista é caracterizado como momento de grande efervescência na política educacional brasileira, através de uma nova concepção de escola, onde torna-se imprescindível trabalhar com alguns conceitos que norteiam as formas práticas dos saberes escolares situados na filosofia pragmática.

Em suas discussões, Kant e Deleuze apresentam, com rigor, uma crítica ao modelo de educação tradicional por sua natureza técnica e racional, inclinando assim a pensar uma pedagogia dedicada ao estudo e compreensão da criança, baseada nas experiências da vida humana, até então negligenciada no contexto das ciências ou apenas equiparada a condição do adulto. Suas contribuições colocam em evidencia a importância da educação desde a infância como preceito para formação ética e política do homem, em busca de um método que prepara o homem livre, autônomo e crítico.

É interessante notar a preocupação de ambos com a finalidade da educação enquanto espaço de preparação para uma vida completa. Por isso mesmo, a importância da matemática, das ciências físicas e naturais e da sociologia amplamente definidas nos seus escritos, afinal a ciência como sendo uma disciplina moral e intelectual é capaz de formar um saber verdadeiramente útil, e encontra, esta, o real e verdadeiro objetivo da escola que está na constituição do caráter dos indivíduos, que devem, por ordem, estar acima dos predizes da sociedade e dos governos, na figura do estado, onde a intervenção deste na educação deve ser vista com cuidado e desconfiança, uma vez que, a sabedoria tem como princípio a liberdade.

Neste cenário apresentado, a práxis ganha o escopo de instrumento para o desenvolvimento humano, sendo este interstício primordial, onde são reconstruídas as experiências educativas ao processo de aprendizagem. Trata-se de um tipo de experiência específica, que foge as normas gerais da experiência humana. A práxis educativa é considerada uma forma específica, pela qual o homem se constrói enquanto ser inteligente.

Todavia, a natureza específica desse conceito não permite que este seja afastado dos princípios gerais que norteiam a formação humana. A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente em que participa o pensamento, através da qual se vêm a perceber relações e continuidades não percebidas. Nessa perspectiva, o conceito de experiência encontra-se imerso

na relação com os processos educacionais. Cabe aqui definir o conceito de educação adotado por Kant.

Para este, a educação refere-se ao processo de reconstrução e reorganização das experiências, ou seja, reflete o processo contínuo pelo qual reorganizamos e reconstruímos a experiência por meio da reflexão. O modelo de escola Kantiniana capaz de desenvolver a educação deveria primar pela valorização das experiências vividas de forma inteligente. O conceito de educação desenvolvido por ele não deve ser confundido com as noções tradicionais de educação.

Para tal, cabe destacar que nesse processo de educação não estão em jogo os desdobramentos da evolução do conceito, tal como as forças internas que visam à formação de resultados educativos. O processo de educação, por assim dizer, tem na sua gênese a noção de que o fim (resultado) é identificado com os meios pelos quais se produz o homem, ou seja, os processos pelos quais são formadas as experiências.

Por outro lado, Deleuze observa as relações encontradas entre a filosofia da práxis, a moral e a disciplina em Kant. Para ele, ambos os conceitos estavam preocupados particularmente com a pedagogia e a função democratizadora da escola. Nessa perspectiva, ambos os pensamentos teóricos pretendiam estabelecer uma superação entre os dualismos e dicotomias que separavam a matéria e o espírito, enfatizando a valorização da experiência como ação e a criação de uma educação democrática, criativa, elaborada em conjunto, não hierárquica e autoritária.

Em toda sua obra, Deleuze apresenta uma discussão fundamental no tocante a importância das experiências naturais no âmbito da educação, enquanto sentido social. Pensando nisso, discute o papel das matérias e da escola na formação da aprendizagem de crianças, destacando a construção dos interesses, sejam eles intelectuais, físicos, motores, dentre outros, como possibilidade de estimular a atividade criadora, tendo a escola o papel de tornar as experiências de aprendizagem mais ricas, e à serviço do desenvolvimento das capacidades dos indivíduos.

Mais uma vez, estão presentes traços da filosofia de conhecimento, para desenvolvimento daquilo que acredita ser a teoria do conhecimento, exposta no em uma longa, pormenorizada e hábil demonstração de uma tese: a de que o conhecimento é fundamentalmente derivado da experiência sensível. Fora de seus limites, a mente humana produziria, por si mesma, ideias cuja validade residiria apenas em sua compatibilidade interna, sem que se possa considerá-las

expressão de uma realidade exterior à própria mente. E, doravante, que se a bondade moral está de conformidade com a nossa natureza, o homem não pode ser são de espírito nem bem constituído senão na medida em que é bom.

Os planos de educação, no entender de Kant, devem estar imbuídos de uma “orientação cosmopolita” em que se deve considerar princípios gerais que expressem o sentido moral, universal. As escolas deveriam atentar, a todo momento, para a formação do caráter do educando tendo em vista o desenvolvimento da moralidade baseada no direito à felicidade. Nesta mesma vertente, ele acredita que só a *disciplina* pode produzir a *obediência*, e abrir à educação o seu mais vasto horizonte na formação do homem político. Claramente, vemos que o que compreendemos por disciplina, no hoje, está totalmente desvirtuado de felicidade. Para Kant, a disciplina é uma conquista por meio da obediência que, juntamente com a veracidade e a sociabilidade, compõe o caráter moral do homem.

Cabe, então, mencionar o papel da disciplina e da educação moral dentro das práticas educativas, que foram tomadas aos moldes da disciplina militar, ou de guerra, que em nada se assemelham com a busca de uma disciplina para a felicidade. Pelo contrário! A disciplina baseada na guerra abre caminho para o entendimento de que a felicidade, como a entendemos, não existe.

Para apreciar esta virtude, é necessário entender como práticas educativas não somente aquelas ligadas à experiência formal de educação, mas também, os diversos outros lugares onde o homem se faz educado: os amigos, a família, a escola, o trabalho, as ruas, etc. Todavia, quando pensamos na atividade educativa hoje, é impreterível mencionar o lócus destinado a socialização e construção dos saberes básicos ao homem. A escola contemporânea, cheia de técnicas pedagógicas, recursos, projetos de intervenção, demandas sociais, interligação com a esfera social e tecnologias digitais vê aos poucos o esforço empregado na educação dos jovens destinarem-se fracasso, pois, perdeu-se o *laço* e o *passo* do que é de fato uma base para educação moral em vários ambientes escolares.

Por fim, acabamos de uma maneira muito, mas muito reduzida, entendendo que educação e disciplina ou são obtidos somente pela rigidez de uma escola militar, ou de uma escola de cunho religioso, ou pela garantia de uma rigidez familiar. Para a parcela curta do obscurantismo mundial, sem nenhum destes espaços e práticas, seria impossível garantir uma educação moral,

pois elevaram a moral para um lugar chato, feio, triste, escuro e cheio de negativas. Alçaram a educação moral a um sinônimo de sofrimento, onde sem o mesmo, não se forma um “ser humano”, mas sim, um “maricas”, ou os “frouxos”.

A que ponto chegamos, enquanto sociedade, onde os tidos “frouxos” e “maricas” foram alocados a um lugar feio, de reprovação, de subserviência, de um sub-ser. Minha conclusão, é que definitivamente deixamos as “luzes” do lado de fora desta parcela da sociedade, e mergulhamos no atraso do obscurantismo e negacionismo, e o pior desta conclusão, é ver que fomos conduzidos por uma minúscula parcela de seres gritantes, que nos conduziram ao fracasso escolar.

Aqui, fracasso escolar não diz respeito somente ao êxito ou reprovação ao final de determinada série. O fracasso mescla a insuficiência dos aparatos técnicos, empregados na experiência educativa, somada à violência escolar e uma certa incapacidade em despertar qualidades cognitivas básicas nos educandos, e uma última, que considero ser a mais grave, a efetiva falta da verdadeira educação moral (a filosófica), e não esta criada entre o século XIX e XXI, responsável pela formação das faculdades de autonomia e liberdade.

Para Kant, a autonomia e a liberdade se caracterizam como o único princípio de todas as leis morais e dos deveres, que se tivessem sido corretamente desenvolvidas, nos permitiriam o acesso à real felicidade, em uma sociedade de luz, baseada na ciência. Contrariamente, toda a prática de uma pseudo teoria da educação moral, desenvolvida e aplicada na atualidade, em espaços formais e não formais de educação, mas sobretudo, em meios de ideologia religiosa, conduz a uma heteronomia do arbítrio, o que contraria o princípio da própria teoria kantiana, da moralidade e da vontade. (KANT, 2002)

Diante desta constatação, é papel da educação e dos educadores, e de toda sociedade esclarecida, reposicionar o papel da educação disciplinar. A disciplina significa domar a animalidade própria do ser humano, afim de que esse estágio bárbaro não ameace o crescimento e o caráter humano, mas também, que não o perca em absoluto.

A disciplina tem o papel de impedir que a condição inerente ao “animal humano” seja um problema para sua convivência em sociedade, e que se torne uma vantagem, uma condução a uma nova reflexão de vida. É neste sentido que a educação torna o humano em um ser culto,

cultivando as mais diversas habilidades, domando as vontades, priorizando e construindo objetivos, se associando às demandas sociais onde está inserido.

Podemos aqui, citar como exemplo perfeito do papel desta educação moral que conduz a um novo ser, os resultados obtidos por centenas de projetos sociais em todo o Brasil, sobretudo aqueles aplicados em comunidades carentes de grandes centros urbanos, que conseguem de maneira clara e quase imediata, resignificar a vida destes jovens, que deixam de ver a escola, e a própria educação, como um lugar de opressão, e passam a contemplá-la como um espaço de liberdade e oportunidade. Este é o real papel da educação! Ademais, a educação opera ajudando o humano a ser prudente e moralizado, e quem determina o código moral é a própria sociedade onde está inserido.

É difícil que alguém, tendo sido abandonado durante a juventude, seja capaz de reconhecer na sua idade adulta em que aspecto foi descuidado, se na disciplina, ou na cultura? Não, quando existe a educação. Independentemente da idade ou momento de vida em que seja oportunizada uma educação, quem nunca obteve acesso à cultura, passa a se abrir para um novo horizonte, e por si só, a desenvolver seus códigos de disciplina, pois somos nós que determinamos nossos níveis de disciplina. A falta de disciplina é um mal tão letal quanto a falta de cultura. (KANT, 1996)

Nesse íterim, devemos fazer uma distinção entre a responsabilidade da educação e a possibilidade de autonomia. Menezes (2000) afirma que instruir os humanos não quer dizer torná-los iguais, mas viabilizar um diálogo comum. É preciso preservar a diferença como item fundamental da liberdade, sem uma, a outra não existe, ou seríamos aprisionados dentro de uma igualdade imposta e geral. Essa assertiva assemelha-se ao pensamento jurídico sobre o direito da garantia das individualidades, das diferenças, do pluralismo e serve como fonte para reconhecimento coletivo do respeito ao próximo em busca de autonomia coletiva, e por fim, a felicidade social.

Kant define que educar moralmente o indivíduo é desenvolver-lhe os sentimentos e as disposições que conduzem à virtude. A natureza força o humano a civilizar-se, através da educação, e assim o prepara para a liberdade. Diante disto, é fundamental nos perguntarmos enquanto sociedade, o porquê da insistências de alguns poucos grupos de indivíduos detentores de poder e dinheiro necessitarem, diuturnamente, da manutenção da pobreza e sofrimento

alheio. O que é mais importante para um país: sua taxa de juros e lucratividade no cenário internacional, ou prover as condições necessárias e adequadas para a autonomia e qualidade de vida de seu povo?

A convivência pacífica entre as liberdades é, no entanto, uma tarefa educativa exigente e árdua, que demanda atenção e dedicação contínua, dada a necessidade de suas atualizações e reinserções sociais, a cada ciclo, século, sociedade e evolução.

Não há educação moral sem esta máxima: o sujeito não deve prejudicar-se, nem tampouco a outros, para obter liberdade. O coletivo deve ser fortalecido enquanto único caminho, para que todos tenham acesso aos seus direitos fundamentais, pois, quando boa parte da população tem garantidos, por exemplo, educação e emprego, reduz-se drasticamente a possibilidade de violência por roubo, furto e violação da propriedade privada. Do que adiantaria a manutenção de um modelo de educação moral expropriativo, que conduz aos super ricos e aos super pobres, e nos obriga enquanto sociedade a vivermos com medo, e reféns do ódio?

A história da educação, na humanidade, não é a de um único indivíduo submetido sempre às flutuações do caráter singular, mas sim, da busca constante de algum tipo de nivelamento, que garanta uma condição de felicidade a cada um dos seres vivos. Este nível sobre o que é ser “feliz”, depende da maneira a que cada qual foi educado moralmente, mas que deva, em suma, representar o respeito à diversidade de opiniões, credos e ideologias, decretando o fim de uma geração de pensamento de ódio, e focando-se na busca efetiva da felicidade. É necessário desenvolver nesta singularidade não só o respeito a si mesmo, como também à própria humanidade. (MENEZES, 2000)

Neste cenário, a ética ganha destaque como princípio regulamentador nas experiências educativas, e a moral e disciplina se consolidam como ferramentas incontestes e necessárias à educação dos indivíduos para a liberdade. Esta evolução, que foi prenunciada por Kant, requer um nível de consciência evolutiva altíssimo, baseada na intelectualidade, em busca de uma ética da autonomia da razão, a qual nos apresenta o pensamento filosófico da educação. Deleuze (1963) não se contenta em raciocinar relativamente os conceitos do entendimento, pois acredita que esta sociedade deturpou a teoria kantiniana.

O pensamento sobre a filosofia da educação em Kant, nos ensina que o caminho para um modelo de educação autônoma, pautada em princípios éticos, visando à liberdade do homem é por vezes lento, e não pode ser balizado por condutas ideológicas. Esse pensamento explica a dificuldade da escola, e de outros meios educativos, contemplarem o modelo proposto nessa matriz teórica. Em meio aos mais variados tipos de novos instrumentos pedagógicos que se proliferam hoje, a escola e os educadores continuam sendo os melhores e únicos caminhos para problematizar premissas básicas da concepção humana como ética, autonomia e liberdade.

É devido à liberdade que a educação moral deve começar cedo na humanidade. Apesar de nós, os tidos “adultos”, ignorarmos a criança no sentido moral de sua existência, acreditando que não seja possível fazer com que entenda esse sentido, e de certa forma, subestimando-as e infantilizando-as, o primeiro educador que deve cuidar para que a educação moral aconteça paulatinamente, da forma mais natural possível, é a família, e quando esta não existir na realidade de uma criança, é papel do Estado!

Mas nem tudo são sombras, pois muito evoluímos no sentido de uma moderna educação. A educação do corpo, a educação ambiental, social, afetiva, são bases fundamentais para o real desenvolvimento intelectual, e constituem-se em base para a aquisição dessa habilidade. Nessa tarefa, cabe à escola e à família, ou à escola e ao Estado, garantir as condições adequadas para o desenvolvimento dos princípios da prudência, da segurança, do amor, do afeto, que se constituem em benefícios que proporcionam as relações sociais.

Ao se educar para o conhecimento das diferenças entre a vontade, o prazer, e a relação destes com a felicidade, se permite a construção de uma sociedade madura e autônoma. Por isso, desde cedo, é preciso educar as atitudes e desenvolver hábitos saudáveis. E mesmo que Kant veja na disciplina um sentido negativo, se bem e corretamente aplicada, ela torna esta condução educacional possível. É necessário, portanto, preparar os jovens para que possa utilizar-se de um arbítrio realmente livre e responsável. Na opinião de Kant, é preciso, antes que a criança se aposses de sua liberdade interior e de sua autonomia, que esta aprenda a dominar seu pendor natural de conduzir o livre arbítrio, de forma mais satisfatória e humana.

Quando preconiza a vontade, Kant ressalta a coerção. Esta, no seu entender, não pode impedir a liberdade do humano, deixá-lo impotente ou indeciso no uso de seu livre-arbítrio. É preciso que a liberdade seja transformada em uma necessidade, a fim de que a educação possa conduzir

os humanos a uma real condição de liberdade. A inclinação para o livre faz com que se torne imprescindível disciplinar o humano, diante do que já foi exposto, pois só a disciplina pode amenizar as influências negativas de um arbítrio mal desenvolvido, que só pensa em satisfazer seus desejos e inclinações, voltando a eterna confusão entre prazer, vontade e felicidade. Em Deleuze, a liberdade se constitui em instrumento necessário à educação: um espaço que dignifica, ao invés de humilhar, de permitir sua evolução, ao invés de submetê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que avançamos na discussão sobre o papel da educação moral pautada numa ética, é necessário pensar novas possibilidades conceituais e epistemológicas que deem conta de analisar o fenômeno das dificuldades enfrentadas pelos espaços de socialização dos indivíduos, sobretudo, a escola. É preciso entender minuciosamente a dimensão estreita entre a ética criada, e a desejada.

É importante, assim, defender um aprofundamento teórico a respeito do que significa a cultura e os seus desdobramentos ocorridos na atualidade, suas relações, conflitos e antagonismos conceituais onde perpassa a causa final da ética, os sujeitos sociais e a sociedade. Sobretudo, é necessário admitir a falha da sociedade contemporânea em difundir e propagar a cultura de maneira eficaz, criando-se obstáculos de cunho ideológico para corromper o conceito de cultura.

A ética, ao relacionar-se como resultado da educação moral e da disciplina, assim, pode ser compreendida como uma capacidade de produção simbólica, desenvolvida somente e unicamente com o apoio da cultura humana, através do fortalecimento da história dos sujeitos envolvidos e do contexto social. Neste aspecto, a ética é, pois, uma questão de primeira necessidade social, e consiste no exercício constante de relacionar a liberdade (e o livre arbítrio) com o determinismo social, dentro do sistema de condutas no qual nossos atos estão sujeitos a se apresentar como um problema da ética.

Ou seja, não existe capacidade de desenvolvimento social, sem o aprofundamento do conhecimento sobre a ética natural, que surge do convívio harmônico de diferentes extratos sociais. É nesta ótica, que a máxima de que as “diferenças transformam a sociedade” nos

permite enxergar o lado saudável de uma comunidade humana extremamente diversificada, e heterogênea.

Nessa realidade, ressaltamos o papel da escola, e de outras dimensões de socialização humana vistas através da filosofia da educação kantiana, como meio para promover a educação para a independência e liberdade, afastando o humano do estado bárbaro, ensinando desde cedo a serem sujeitos livres numa dimensão coletiva, respeitando as diferenças sem promover narrativas orgânicas de ódio, visando o progresso humano.

O contexto aqui apresentado, e discutido, que por hora pareça ser de cunho complexo, será amplamente simplificado caso o leitor tenha tido acesso ao estudo e leitura de diversas obras no campo da Filosofia, Sociologia e outros escritos que baseiem sua cultura. Caso sim, perceberá que nestas linhas podemos resumir o comportamento humano como a constante busca da felicidade, e que para este fim, a ética, a moral e a disciplina precisam ser corretamente interpretadas e difundidas na sociedade. Quando isto não ocorre, pequenos grupos com interesses duvidosos, se permitem a camuflar e deturpar os conceitos de liberdade, felicidade e prazer, criando discursos de ódio, narrativas de opressão e por fim, a divisão da sociedade.

Caso o leitor, como fruto de uma sociedade deturpada e expropriada de suas liberdades, não tiver tido acesso a conceitos fundamentais de Filosofia e Sociologia, achará este texto desconexo, e sem conexão nenhuma com o que pretende discutir: a ética contemporânea. Não se preocupe, isso não é sua culpa!

Os problemas éticos que enfrentamos no espaço da sua construção de uma sociedade moderna, colocaram a escola em uma difícil situação. Atribuíram a esta a esfera da realização moral, principalmente porque não se apresenta na vida cotidiana outro caminho viável, mas esqueceram de lhe dedicar a liberdade devida. Assim, cada mãe, pai ou familiar, criou uma expectativa diferente de “Escola”, assim como cada Professor e Professora criou uma forma própria do que entendeu ser educação, e assim reproduz em sua prática. Ou seja, largamos por terra tudo que os filósofos e pensadores levaram anos para consolidar em uma teoria epistemológica, e demos lugar a qualquer teoria conspiradora, escrita por sabe-se lá quem, que se coloca acima da história, da ciência e da maior sabedoria social: a cultura!

Assim, na contemporaneidade, vivemos o advento da “Ética Corporativa”, como se esta fosse um produto, um empreendimento, coletivamente partilhado em “bolhas de saber”, plenamente duvidosas, que se apresentam como uma nova filosofia. Esta realidade, já prevista por Pierre Levi, que em sua obra sobre Cibercultura já afirmava, em 1998, que a tecnologia daria “voz aos imbecis”, e isso seria tomado como a mais pura verdade. Diante deste cenário, teorias como as de Kant e Deleuze deram conta de registrar o infortúnio da dilaceração social.

Se faz necessário retomar o pensamento filosófico Kantiano para compreensão das dicotomias basilares, analisadas no processo de socialização do homem através das experiências educativas, não perdendo de vista a necessidade de analisar a disciplina e a educação moral como princípios que devem nortear as práticas socioeducativas, baseados na cultura, e não na ideologia, que formam o os sujeitos sociais e suas relações.

Por fim, é permissível afirmar nesta reflexão que um singelo sinal, um guia, de que nossa sociedade está ou não se desvinculando de seus princípios morais e éticos de base epistemológica, e filosófica, basta prestar atenção nos níveis de felicidade da população. De forma pura, eles conseguem traduzir, sem necessidade de estudo ou ciência, por quais caminhos o povo de uma nação está trilhando seus desafios, se por estradas dinâmicas e vindouras, ou por percursos tortuosos. No Brasil, nunca tivemos uma sociedade tão triste e desfalecida de esperança! É preciso buscar a estrada com “tijolos de ouro”.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **A filosofia Crítica de Kant**. Edições 70. Lisboa-Portugal: LeBron, 1963.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba-SP: UNIMEP, 2016.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Tradução de V. Rohden. São Paulo-SP: Martins Fontes, 2002.

MENEZES, Edmilson. **Kant e a ideia de educação das luzes**. Educação e Filosofia – v.14 – nº 27/28. Rio de Janeiro-RJ: Vozes, 2018.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. Trad. De Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ed., São Paulo-SP: Cortez, 2000.

PEREIRA, Regina Coeli Barbosa. **Educação na Liberdade: Kant e a fundamentação da Pedagogia**. Rio de Janeiro-RJ: Makron Books, 2017.